

MUSEUS DE ARQUEOLOGIA: UMA HISTÓRIA DE CONQUISTADORES, ABANDONO E MUDANÇAS*

Maria Cristina Oliveira Bruno**

BRUNO, M.C.O. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 000-000, 1996.

RESUMO: Apresenta-se neste artigo alguns aspectos relevantes da historicidade do fenômeno museu, vinculado ao universo científico da Arqueologia. Tenta-se discutir os conceitos que têm pontuado a trajetória destas instituições e mapear as características que os processos contemporâneos de musealização herdaram das experiências museológicas anteriores.

UNITERMOS: Museu – Arqueologia – Coleção – Museologia.

Apresentação

Sob a identidade de “Museu de Arqueologia” acumula-se, nos dias de hoje, uma multiplicidade de características museológicas que indica um passado comprometido com aspectos relevantes da história dos museus, no que diz respeito à importância do colecionismo para estas instituições como também a evidente parceria com as diferentes fases das descobertas e da pesquisa arqueológica nestes últimos séculos.

Outro aspecto marcante dessas instituições está vinculado ao caráter universalista de seu conteúdo, constituído de coleções difusas no tempo e no espaço. Da mesma forma, pode-se afirmar que, nas últimas décadas, esses museus têm servido, também, para o tratamento patrimonial da memó-

ria local. Elevando-a, algumas vezes, ao patamar das referências nacionais e universais.

Os museus de Arqueologia existem em todos os continentes, ainda reconhecidos como centros de pesquisa, vinculados em sua maioria às universidades e responsáveis por parcelas significativas do patrimônio que tem sido preservado ao longo dos séculos.

Entretanto, cabe analisar algumas questões estruturais que têm consolidado essas instituições, como também evidenciar certos pormenores de sua trajetória que as distinguem entre si e de outros tipos de museu.

As coleções arqueológicas estão na gênese da história dos museus. Amparados em alguns séculos de investigação e interesse pelo passado, pelo exótico e pelo diferente, esses acervos foram constituídos, de uma certa forma, para diminuir a distância entre as sociedades que vivem em tempos distintos. Espelham também, a colonização, o saque e a destruição de alguns povos por outros. Sobre tudo, esses acervos, espalhados em museus de portes diferentes, podem sinalizar aspectos inerentes à longevidade e diversidade da herança patrimonial dos seres humanos.

(*) Este texto, com algumas alterações, está inserido na tese de doutoramento *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para Projeto Paranapanema*, da mesma autora.

(**) Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo.

Esta análise sobre a trajetória desses museus tem o objetivo de mapear os aspectos mais relevantes que os processos contemporâneos de musealização herdaram das experiências museológicas anteriores.

1 – As Coleções que os museus herdaram

Os séculos XVI e XVII registraram, com muita ênfase, a afirmação do colecionismo como um fenômeno resultante do interesse por uma cultura universal, humanística e científica, e também da estupefação com uma outra humanidade, que emergiu das viagens e descobertas, com traços físico-culturais estranhos ao universo medieval europeu.

Se as coleções estão na origem dos museus, cabe enfatizar que elas têm suas bases no mobiliário e oferendas dos templos; nos tesouros principescos; nos presentes, saques e despojos de guerra e conquistas e nas relíquias e objetos sagrados. Em qualquer um desses segmentos, é possível verificar a mesma atitude de identificação e retirada de objetos do uso cotidiano, para expô-los à contemplação dos deuses, dos mortos ou dos outros homens. Atitude, esta, comum às sociedades desde os princípios do processo de hominização.

No entender de Pomian (1984), este complexo universo das **coisas** e dos **semióforos**¹ que está nas entranhas das coleções e dos museus, significa o esforço dos homens para superarem a transitoriedade humana, na medida em que esses objetos permitem a relação do mundo visível com o invisível.

Os objetos arqueológicos desempenharam um papel relevante no universo acima referido, que deu um real significado às coleções do renascimento. O contato com a obra antiga é responsável pela abertura de novas possibilidades de apreciações culturais, de confrontos, interpretações e recriações da cultura clássica e uma maior dimensão temporal sobre a própria existência humana. Da mesma forma, o contato com objetos estranhos dos povos nativos da América e do Oriente contribuiu para que o europeu reorganizasse a sua visão de mundo, até então delimitada pelas muralhas medievais.

Nessa época as coleções passaram a representar, sobretudo, facetas do poder constituído e começaram a ser utilizadas como elementos de ostentação.

De acordo com Schaer (1993: 15 e 16)...“Les humanistes recherchent d’abord les vestiges de l’antiquité romaine. Objets d’un véritable culte, les traces matérielle laissées par la Rome classique prennent une immense valeur. On se soucie de leur conservation; les entreprises archéologiques se multiplient, fouilles ou relevés topographiques, et, en 1462, le pape Pie II interdit la réutilisation, pour les constructions neuves, de matériaux tirés de monuments anciens, pratique jusque-là courante. Dans ce contexte, en même temps qu’ils étudient les manuscrits et redécouvrent les auteurs de la littérature latine, les érudits collectionnent ce qu’on appelle des “petites antiquités”: inscriptions, objets usuels ou précieux, fragments de sculpture, et surtout médailles et pierres gravées. Ces objets sont considérés par les humanistes comme des illustrations originales des textes, ils donnent figure aux personnages, aux décours ou aux événements qu’ évoquent les manuscrits”.

O colecionismo se estendeu, a partir dessa época, pelos diversos e emergentes países europeus, configurando a existência de novos espaços consagrados à reunião de objetos de valor, a encontros sociais, a estudos, ao comércio de antiguidades, possibilitando a convivência entre as cortes principescas e as famílias burguesas em ascensão econômica.

É possível distinguir, neste misterioso e estimulante mundo do colecionismo, diversos e hierárquicos gêneros de colecionadores. Primeiro, pode-se destacar os “curiosos”, identificados em especial no século XVI por aqueles que se interessavam por tudo, pelas coisas raras e insólitas. Em seguida, ainda a partir do mesmo período, apareceram os “amadores”, que escolhiam e preservavam os objetos belos, sobretudo para seu prazer. Estes últimos configuraram, especialmente, o que pode ser chamado de uma sub-categoria de colecionador, que é o colecionador - amador - mecenas.

Nas palavras de Benoist (1971: 8), “Le collectionneur proprement dit occupe un degré plus avancé parce que plus spécialisé et conséquent plus savant. C’est un mordu, un passionné qui veut tout réunir dans son domaine et surtout l’objet introuvable qui couronnerait la série. Enfin si le collectionneur est en même temps un homme de

(1) Trata-se, de acordo com o autor, “de objetos que não têm utilidade, ... mas que representam o invisível e são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (1984: 71)

gout, il devient un “connaisseur”, à la fois esthète et expert, capable d’en remonter aux compétences dans le champ de sa spécialité”.

É evidente que estas categorias distintas de envolvimento e difusão em relação ao colecionismo, às vezes, se sobrepuseram e ainda hoje podem ser percebidas entre aqueles que se dedicam a coletar/comprar, guardar/cuidar, organizar/estudar, expor/partilhar certas coisas e não outras, tanto públicas quanto privadas.

Esta maneira de ser e estar que define o colecionador e a coleção, também é percebida no âmago das relações que têm sido estabelecidas entre os profissionais de museus e, destes, com a sociedade a qual esta instituição se destina.

Certas atitudes sobreviveram ao cientificismo que marcou, posteriormente, no século XIX, a afirmação mundial dos museus. E não é difícil constatar que estão presentes, ainda, na contemporaneidade, mesmo considerando que estas instituições têm sido desafiadas, sistematicamente, por diferentes demandas sociais e impulsionadas pelas conquistas tecnológicas.

Os objetos arqueológicos foram valorizados no período renascentista, quando a arte, a história, a ciência e o estudo da natureza concentraram a atenção da elite política e econômica. Uma das expressões marcantes deste momento foi o surgimento das galerias de arte e dos gabinetes de curiosidades. “Sin duda, constituían el público comprador y coleccionista del Renacimiento, la nobleza y a la alta burguesía urbana, quienes – llevados tanto por su genuino interés como por el deseo de consolidar una posición social formaron colecciones cerradas para un grupo refinado y conocedor, integrante de un círculo vedado al resto de la población” (Herreman 1985: 483).

Esses espaços privilegiados de saber e poder, a princípio acumularam indiscriminadamente objetos curiosos, raros e belos, mas já em 1565 Samuel von Quiccheberg apresentou uma proposta de organização para o que considerou “o museu ideal”, dividida em três partes, a saber:

- 1) **Naturalia** – elementos da natureza – e **Artificialia** – produtos das obras do homem –;
- 2) **Antiquitas e História** - antiguidades clássicas – e
- 3) **Artes** (Schreinner 1985).

É evidente que estas três divisões se confundem ou até se sobrepõem, mas é importante regis-

trar que com elas teve início a organização interna das galerias e gabinetes. Posteriormente, esta organização se tornou cada vez mais complexa, determinando a orientação dos processos museológicos futuros.

Se as coleções de natureza arqueológica já faziam parte dos gabinetes de curiosidades, antiquários e galerias, desde o século XVI, o processo de colonização que a Europa implantou em diversos continentes, bem como as conquistas napoleônicas, foram responsáveis pelo acúmulo desse segmento patrimonial em algumas instituições e/ou coleções privadas.

Neste âmbito, destacaram-se as coleções de Conrad Gesner e Félix Platter, que deram origem ao Museu de História Natural da Basileia; as de Cesalpini, Cospi, Aldrovandi, Ferrante e Marsigli em Bolonha; as dos Medici em Florença; as de Ludovico e Manfredo Settala reunidas em Milão; as do padre Kirchner que se transformou no Museu Kircheriano que ainda existe em Roma. (Alexander 1979, Benoist 1971, Penndorf 1987, Schaer 1993).

Merecem destaque, também, as coleções das grandes famílias de outros pequenos principados como os Doria em Gênova, os Este em Ferrara, os Borghese em Roma. Em Veneza, o cardeal Domenico Grimani legou, em 1523, uma importante coleção arqueológica à República (Benoist 1971).

Desta forma e seguindo o mesmo ideário que concentrou nas coleções uma série de características que as transformaram em símbolo de prestígio, inúmeras famílias principescas e burguesas iniciaram a organização de seus objetos, destacaram ilustres artistas ou estudiosos para conservá-los, e deram início à promoção de exposições para um restrito público, constituído pelos poderosos da Igreja e do Estado.

O gosto pelo colecionismo se difundiu, também, entre outros tipos de colecionadores... “médecins, avocats ou magistrats, comme le bordelais Pierre Trichet, les avocats au parlement d’Aix qui sont Borilly, Rascas de Bagarris et le célèbre Fabri de Peiresc, ou comme Pierre Borel, le médecin de Castres. A côté de souverains brillants, de princes philosophes ou des savants érudits, se détache la figure de l’ “amateur”: Ferdinando Cospi, grand collectionneur de Bologne, présente sa collection comme “un passe-temps de jeunesse” (Schaer 1993: 27).

Foi marcante a influência religiosa no perfil das coleções que se estabeleceram a partir do século XVII. Por um lado, católicos submetem-se ao controle papal que ditava, inclusive, a orientação da produção artística e do próprio mercado de antiguidades. Por outro lado, os protestantes se orientaram pela liberdade individual do artista e do consumidor. Estas características foram determinantes, por exemplo, para o crescimento das coleções holandesas e configuraram o perfil das coleções dos países católicos que se viram impedidos de receber certas obras protestantes. A influência das Igrejas deveu-se, sobretudo, em função de suas ações relacionadas ao poder estatal.

Assim, e de forma irreversível, é rompida a unidade que amparou o período medieval. De um lado, difundiu-se o humanismo renascentista nos países do centro-oeste europeu, de outro lado, o protestantismo nos países nórdicos adiou a influência da cultura latina. “Neste sentido, pode-se afirmar que a Renascença alemã coincide com o último dos classicismos, justamente depois de ter sido superado, por iniciativa de homens como Kant e Goethe, o isolamento da cultura alemã em face da latina. É precisamente a índole anti-humanista da Reforma protestante que, pela fixação no irracional e no exclusivismo do mundo sobrenatural, deixa explicar essa tardança” (Bornheim 1975: 7).

Deve-se ressaltar, entretanto, que esta tardia aproximação com a Antiguidade, no caso alemão, referiu-se a um novo olhar e uma nova interpretação em relação à cultura grega. Esse aspecto acentua ainda mais as diferenças entre as coleções que foram constituídas nas diferentes regiões europeias, uma vez que até então a grande influência vinha de Roma e não de Atenas.

Nos últimos anos, diversos autores têm contribuído para a reconstrução da história do colecionismo e dos museus, elaborando importantes obras que têm servido de referência para aqueles que se interessam pelo tema.

Merecem destaque as contribuições de Germain Bazin (*Les Temps des Musées*, 1968), Luc Benoist (*Musées et Museologie*, 1971), Kenneth Hudson (*A Social History of Museums: What the Visitors Thought*, 1975), Edward P. Alexander (*Museums in Motion*, 1979) e Krzysztof Pomian (*Collectionneurs, Amateurs et Curieux, Paris-Venise: XVI^e-XVIII^e siècle*, 1987), uma vez que não só pontuam historicamente o surgimento das coleções, mas as relacionam com os museus, nos

diferentes continentes e ao longo dos últimos seis séculos.

A partir dessas obras, entre outras, é possível perceber que o colecionismo e todos os seus derivados sócio-culturais, pertencem intrinsecamente às estruturas de longa duração, no que diz respeito à história das idéias e mentalidades dos homens desde o Renascimento.

Neste sentido, deve ser enfatizado que a coleção e por consequência o colecionismo, ao longo do tempo, demonstraram sempre duas faces ligadas aos homens e às sociedades. Por um lado, a guarda, a valorização, a apropriação desenfreada dos objetos têm demonstrado a necessidade dos homens de transporem a sua própria finitude e, portanto, expõem a vulnerabilidade humana frente ao desconhecido, ao passado e ao inatingível. Por outro lado, esses mesmos objetos e coleções podem ser interpretados como fortes elementos de ostentação, de poder, traição, roubo, entre tantos outros aspectos que sempre evidenciaram a necessidade dos homens e das sociedades de demonstrarem a sua onipotência.

Segundo Aurora León (1984: 48), o fenômeno do colecionismo trouxe alguns valores culturais que não podem ser negligenciados... “En primer lugar, el coleccionismo afirma un mundo de preferencias ideológicas al definirse como defensor activo de la posesión única, no compartida... En segundo lugar, el coleccionismo incide en la función ideológica de la cultura. La clientela de arte representa a una clase determinada que dirige, controla e instrumentaliza los objetos de cultura en función de sus intereses y objetivos... En tercer lugar, el coleccionismo tiene un valor formativo - consolidante sobre el arte, la crítica y el gusto”.

A partir do que foi exposto anteriormente, é possível afirmar que, do ponto de vista da história das idéias e mentalidades, a grande e mais forte herança que o colecionismo gerou está relacionada ao conceito de posse. A posse material e espiritual, o domínio não só das coisas, mas o poder em transformá-las em símbolos. Um poder pouco partilhado e que quando o era, tinha a real função de demonstrar ostentação.

Esta é a mentalidade que amparou o surgimento dos grandes e enciclopédicos museus a partir do final do século XVII.

Apesar de esta mentalidade estar enraizada nessas instituições – o que ainda pode ser constatado – é possível identificar diferentes esforços para

possibilitar a apropriação mais ampla dos objetos e coleções.

2 – As estruturas que consolidaram o conceito de museu

As publicações de folhetos e catálogos, a organização tipológica dos objetos, as preocupações com o estado de conservação dos espécimes da natureza, entre outros fatores, são responsáveis pela estruturação dos museus, no período já mencionado e representaram o início da abertura para o público.

Até esse momento, as coleções arqueológicas estavam inseridas no conjunto dos objetos de Arte, ou faziam parte dos acervos de História Natural. Embora ainda sem perfil definido, as “antiguidades” sempre representaram um papel relevante no âmbito do colecionismo e continuaram com espaço destacado na gênese dos grandes museus europeus.

Ao mesmo tempo em que, a partir do século XVII, o colecionismo voltou-se para a produção artística contemporânea, dando margens ao surgimento e proliferação dos “estúdios”, como também à valorização exacerbada dos artistas, algumas coleções transformaram-se no embrião dos futuros grandes museus enciclopédicos.

No que diz respeito às coleções arqueológicas, merece destaque o surgimento do *Museum Ashmoleanum*, na Inglaterra. Com sua origem nas coleções de instrumentos científicos, objetos de Arqueologia e elementos de História Natural, de propriedade da família *Trasdescant*, este museu é criado em 1683 a partir da doação que *Elias Ashmole* – então proprietário da coleção – fez à Universidade de Oxford.

Deve ser assinalado, também, que a abertura desse museu em uma universidade indicou o prenúncio de duas características decisivas para a história destas instituições: museu como local público e museu como local de aprendizagem.

Diversos autores (*Bazin 1967, Hudson 1975, Alexander 1979, León 1984, Herreman 1985, Guarnieri 1989, Schaer 1993*, entre muitos outros) analisam e esclarecem aspectos definidores da importância dos museus que surgiram entre o final do séc. XVII e início do séc. XVIII, em relação à configuração deste modelo institucional que ficou para sempre vocacionado para guardar objetos, estudá-los e divulgá-los.

Dessa forma, pode-se destacar a criação por decreto parlamentar, em 1753, do *British Museum*, integrado a uma biblioteca nacional e a um museu de Antiguidades, História Natural e Etnografia. Este museu foi constituído a partir das coleções do médico naturalista e humanista *Hans Sloane*, que dedicou parte de sua vida ao estudo e catalogação dos objetos.

Em seguida, em 1760, *Guilherme IV* abriu ao público a *Galeria de Kassel*; *Frederico Guilherme III* fez pública sua coleção que mais tarde foi unificada a outras coleções provenientes de diferentes palácios, dando origem ao *Kunsthistorisches Museum de Berlim*.

Segundo León (1984: 52 e 53), ... “Los museos italianos deben su apertura al público a motivos específicos. En los del Vaticano la iniciativa se debe a sucesivos Papas, quienes según sus inclinaciones artísticas los fueron dotando con obras e incrementando el tesoro con el constante enriquecimiento de las excavaciones romanas. Bajo el impulso de los Papas en los siglos XVIII y XIX se fundam el *Museu Sagrado*, el *Pio Clementino*, la *Biblioteca Vaticana*, el *Museo Egipcio*, el *Etrusco*, la *Pinacoteca Vaticana*, los apartamentos *Borgia*... las colecciones de los *Medici* (*Museu de los Uffizzi* en Florencia) y los respectivos museos florentinos, aunque la colección *Medici* estaba en el siglo XIX tan acrescentada que se considero necessário proceder a una reorganización en la que se distribuyeron las esculturas del Renacimiento y las artes menores al *Museo Arqueológico florentino*, y la orfebrería y joyas al *Museo de Orfebrería del palacio Pitti*, permaneciendo en los *Uffizzi* una de las colecciones de pintura más significativas del mundo. Asi es como las obras de arte quedan descontextualizadas al ser esparcidas por varios museos, perdiendo su antigo caráter de colección”.

Essas afirmações de *León* acrescentam um outro aspecto relevante ao surgimento dos grandes museus. Ao lado das questões já mencionadas, referentes ao colecionismo, a criação dos citados museus significou não só mais um passo, embora tímido, em direção à apropriação coletiva desses bens patrimoniais, mas algumas vezes representou o desmembramento das antigas coleções em função de uma nova ordem, oriunda de novos interesses artísticos e científicos. Esta também tem sido uma constante na história dos museus, ou seja: a decomposição das coleções e a constituição de novos agrupamentos.

Merece menção, ainda como exemplo desse período, a criação do *Museum d'Historie Naturelle* de Paris, em 1745, que teve sua origem vinculada ao gabinete do famoso "Jardin des Plantes" dos reis, onde as coleções foram divididas pelas respectivas áreas de interesse científico, tais como, mineralogia, botânica, zoologia. De acordo com Daubenton, seu organizador... "l'ordre méthodique qui dans ce genre d'étude plaët si fort à l'esprit, n'est presque jamais celui qui est le plus agréable aux yeux" (Schaer, 1993: 40).

Ao mesmo tempo em que os estudiosos se preocuparam em ordenar, classificar e colocar a natureza em um sistema, ampliando o interesse e a acessibilidade destas coleções, os objetos artísticos e as antiguidades mereceram também atenção especial.

Tanto as coleções de cunho "científico", quanto as de caráter "artístico" passaram a ser utilizadas como suportes de demonstração e de ilustração para aulas e estudo.

O surgimento de sociedades específicas com finalidades científicas ou de apreciação estética foi incentivado e estas desdobraram-se por toda a Europa. Invariavelmente, foram sediadas nos museus proporcionando-lhes maiores possibilidades de inserção social.

Na segunda metade do século XVIII, sucessivas adaptações propiciaram aos palácios franceses Louvre, Versailles e Luxembourg, as condições adequadas para a apresentação de obras de arte e antiguidades. Deve-se destacar, como aponta a bibliografia, os cuidados com a iluminação, segurança e organização espacial das galerias, que já faziam parte das preocupações da época.

É impossível não destacar o papel desempenhado por Bonaparte no que diz respeito à transferência, em larga escala, de inúmeros objetos, monumentos e coleções inteiras para a França. Conforme as palavras de Schaer (1993: 69)... "le 2 mars 1796, Bonaparte est nommé général en chef de l'armée d'Italie. Um mois plus tard, les troupes sont en campagne de l'autre côté des Alpes. Parmi les enjeux dont on rêve à Paris, il y a ces oeuvres canoniques entre toutes, les sculptures antiques et les peintures de la Renaissance. Dès le début mai, Bonaparte écrit à Paris pour qu'on lui envoie "trois ou quatre artistes connus pour choisir ce qu'il convient de prendre". Le Directoire nomme une commission chargée de "faire passer en France tous les monuments des sciences et des arts qu'ils croiront dignes d'entrer dans nos musées et nos

bibliothèques; on y trouve le mathématicien Monge, le chimiste Berthollet, les naturalistes Thouin et la Billardièrre, le peintre Berthélémy et le sculpteur Moitte".

Os trabalhos de escolha, coleta e traslado que eram realizados sistematicamente, faziam parte dos tratados de armistício e a entrada em Paris era sempre motivo de grandes festas e desfiles públicos.

Esse processo que envolveu o controverso perfil do império napoleônico, resultou em um acréscimo expressivo das coleções já suntuosas do *Musée du Louvre*, mas é significativo registrar que, ainda como desdobramento deste período, diversos museus foram criados ou revitalizados sob as ordens de Bonaparte, a partir de uma certa divisão das obras saqueadas. Pode-se afirmar que a França começou a implantar um sistema de museus coordenado por meio das deliberações centralizadas em Paris. Esta foi uma característica marcante para o desenvolvimento e implementação das instituições museológicas que este país legou para o universo da Museologia (Wescher 1976).

A bibliografia registra que essas operações de **transferências patrimoniais** foram monumentais, revestidas de toda pompa e marcadas pelo apoio e conivência dos estudiosos, ...além dos militares. Afirma, ainda, que esse duvidoso processo de apropriação teve sua base consolidada no ideário revolucionário que se instaurou na França, após a Revolução Francesa. Os movimentos revolucionários elaboraram um discurso no sentido de justificar esta pilhagem, explicando que as grandes obras da humanidade tinham que ser guardadas e apreciadas nos territórios livres.

Até os dias de hoje, poucas vozes se rebelaram em repúdio a essas transferências de fragmentos da vivência de sociedades do passado, para locais de concentração do poder. Ao contrário, esta será uma sedimentada característica que está na base das mais importantes instituições museológicas do mundo.

Entretanto, sabe-se das discordâncias do arqueólogo e historiador Quatremère de Quincy, em relação ao que chamou de "espírito de conquista". Em sua obra "Lettres à Miranda", escrita à época, ele denunciou esta atitude e afirmou que ela era totalmente contra o espírito de liberdade vigente. "Il y mettait en question ces musées pour lesquels on arrache les oeuvres à leur contexte, on isole de fragments de la vie artistique d'un peuple, d'une époque, d'un lieu"(Schaer 1993: 71).

Apesar da relevância e do ineditismo da crítica, considerando que foi elaborada no século XVIII, deve-se reconhecer que este pensamento ficou isolado e inaudível até metade deste século.

Os apelos ao acúmulo, à raridade, à conquista, à expoliação, foram muito mais fortes e determinantes na história dos museus nos últimos dois séculos, do que a compreensão de que a significância dos objetos está intimamente ligada ao seu espaço e universo de significação.

Os museus precisaram receber violentas críticas e serem vinculados ao **mundo das coisas velhas e sem vida**, para darem início a uma reflexão sobre a sua natureza, repensarem a sua estrutura e, redefinirem as suas formas de apropriação e devolução dos diferentes segmentos patrimoniais.

Entretanto, um olhar mais atento sobre os museus franceses, do início do século XIX evidencia algumas características que contribuíram, também, para a forma e função dessas instituições até os dias de hoje. Reconhecidos como centros de estudo e ensino, os museus também ficaram marcados, não só pelas inúmeras e sucessivas conquistas no que diz respeito à identificação, classificação e catalogação dos itens de seus acervos, mas também como instituições preocupadas com a conservação, segurança e melhor apresentação de suas coleções.

Assim, o século XIX teve início com os museus dispersos por toda a Europa, consolidados por grandiosas coleções e mergulhados em preocupações estéticas e científicas.

O processo de colonização, em seu auge nesse período, contribuiu para o crescimento dessas instituições, na medida em que houve uma intensificação das viagens de estudo para as colônias e, conseqüentemente, o aumento das coleções recolhidas nas diversas partes do mundo e concentradas nos museus europeus. Assim sendo, foram viabilizados os estudos de Arqueologia, Etnologia e dos diversos ramos da História Natural. Estes, por sua vez, inspiraram a criação de novas instituições voltadas para esta área de conhecimento.

3 – O apogeu dos museus como instituições científicas

Em um primeiro momento, em muitos casos, as coleções arqueológicas estavam vinculadas aos museus de História Natural, mas o desenvolvi-

to da Antropologia impulsionou a separação destes acervos. Em um segundo momento, a realização das Exposições Universais (Collet 1987) contribuiu para o questionamento sobre as formas de apresentação desses museus e desta maneira levou a museografia de suas exposições a novos horizontes. Portanto, esses museus começaram a ser alterados quanto à forma e conteúdo.

A chamada “idade de ouro” (Alexander 1979) da história dos museus – séc. XIX, foi marcada, sobretudo na Europa, pelo crescimento de museus dessa natureza, que apresentaram os faustos dos impérios coloniais. Pode-se destacar a criação do Museum of Ethnology de Leiden (1837), Holanda; dos museus de Leipzig, Munique e Berlim, na Alemanha e, sobretudo, do Musée d’ Ethnographie du Trocadéro de Paris, França (1884).

Nesses museus foi marcante a apresentação dos objetos, classificados especialmente por tipos, procurando demonstrar o desenvolvimento linear da humanidade e os progressos realizados pela espécie humana.

A importância das ciências, o apoio intensivo às pesquisas arqueológicas, a constituição da Antropologia Física e da Arqueologia Pré-Histórica em disciplinas, a organização de sociedades científicas específicas e de congressos internacionais, marcaram – a partir da segunda metade do século XIX – uma ruptura, que proporcionou aos museus de Arqueologia um caminho próprio no universo museológico.

Ao mesmo tempo em que os já mencionados grandes e enciclopédicos museus continuaram se reorganizando e criando novos departamentos em função das conquistas científicas e dos desdobramentos dos ramos do saber, as descobertas de Boucher de Perthes e de Lubbock, vinculadas ao estabelecimento de uma cronologia para a pré-história, impulsionaram o surgimento de outras formas institucionais relacionadas à Arqueologia. Data desse período o surgimento de museus ligados à pré-história regional e/ou nacionais tais como: National Museet em Copenhague, Dinamarca (1807), Museum für vor-und Frühgeschichte em Berlim, Alemanha (1829), Pitt Rivers Collection, Oxford, Inglaterra (1851), Musée des Antiquités Nationales em Saint-Germain en Laye, França (1862), Nordisk Museet, Estocolmo, Suécia (1873), no que diz respeito aos nacionais “...À côté de ces grands établissements, tout au long des dernières décennies du XIX^e siècle, se multipli-

des musées archéologiques locaux en Angleterre et en France, les Heimat Museen en Allemagne et en Autriche, et les Musei di Storia in Italie, qui très souvent, comportent des collections préhistoriques ou, comme on le disait à l'époque, "palethnologiques" (Pomian 1988: 66).

Em Portugal, por exemplo, neste mesmo período e como resultado do apoio às pesquisas arqueológicas, surgiram inúmeros museus regionais onde as coleções desta natureza estavam presentes em quase sua totalidade. Apareceram, também, sociedades científicas locais seguindo o exemplo da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Foi proposta a criação de museus arqueológicos nas capitais dos distritos que eram supervisionados por uma associação científica local, ... "Na realidade, em alguns casos elas (instituições) não justificariam a criação de museus regionais ou locais. Gabriel Pereira parece ter solucionado esta questão ao propor em 1877, a criação de museus desta amplitude com o objetivo de mostrarem as belezas locais, raridades e industriais, aos visitantes interessados pondo deste modo, de parte, a criação de museus locais dedicados exclusivamente à arqueologia" (Moreira 1989: 56).

Nos Estados Unidos, o mecenato privado incentivou a pesquisa e a divulgação científica, registrando-se como marco deste momento a criação da instituição Smithsonian, em Washington, através da doação do inglês James Smithson. Tendo seu início marcado pelas coleções e pesquisas voltadas à História Natural, a partir de 1879, de acordo com as idéias de Spencer Fullerton Baird – responsável pela instituição – ... "a museum of research to further scientific inquiry and an educational museum to illustrate every kind of material object and every manifestation of human, thought and activity" (Alexander 1979: 52).

É preciso destacar, dentro deste contexto, a criação do Field Museum of Natural History, em Chicago (1893), e sobretudo do American Museum of Natural History, que foi impulsionado a partir do espírito determinante do naturalista Albert S. Bickmore, em Nova York (1869). Este considerou que uma grande cidade como Nova York deveria ter um grande museu e, para tanto, procurou o apoio dos importantes magnatas como Willian E. Dodge, Theodore Roosevelt (pai), Benjamin A. Field, Robert Colgate e J.P. Morgan.

Da mesma forma, o apoio financeiro de George Peabody foi fundamental para a estruturação do

museu da Universidade de Harvard (1866). Nas palavras de Hinsley (1985: 51), "The Peabody Museum emerged during the transition between the two views, and its first decades reflected the difficulties of institutional and conceptual reorientation. Founded in the shadow of Agassiz's powerful intellectual, social and financial presence in the Boston community, it was caught in the midst, of heated local debates over Darwinian evolution. And it faced a strong predisposition in established Boston circles against the worthiness of "primitive" peoples and their artifacts for the moral education of civilized nations. The outcome of such conditions was to give the Museum a marked disadvantage in raising funds and to place its officers in the position of brokering between patrons and fieldworkers, addressing different audiences in distinct voices".

Os diferentes pontos de vista sobre fenômenos estudados pelas ciências e pelas artes causaram, sistematicamente, ao longo da história dos museus, antagonismos entre as instituições e seus respectivos financiadores, e têm sido responsáveis por polêmicas e rivalidades entre profissionais.

As antigas disputas pelas melhores e mais raras peças ou espécimes da natureza, comum entre colecionadores dos séculos XVI, XVII e XVIII, a partir do século XIX foram acrescidas de disputas relacionadas às conquistas sobre a produção do conhecimento nas mais diferentes áreas.

Com uma outra face é possível identificar as mesmas atitudes vinculadas à posse das **coisas** e do **saber sobre as coisas**.

Essas divergências têm sido comuns até os dias de hoje. As instituições museológicas raramente atuam em conjunto e sinalizam suas divergências teórico-metodológicas por meio das publicações ou em encontros científicos. Entretanto, as qualidades e a quantidade das coleções ainda são atributos indicativos de valor e, portanto, alvos de disputa entre museus.

Neste panorama, outra referência singular diz respeito à implantação do museu da Universidade da Philadelphia, que logo após a sua criação em 1889, empreendeu inúmeras e vultuosas expedições científicas. Desta forma, em algumas décadas, esta instituição conseguiu concentrar coleções arqueológicas significativas da Mesopotâmia, Egito, Mediterrâneo, China, África, Oceania, Austrália, e das três Américas.

Cabe ressaltar um movimento paralelo à criação de instituições de caráter eminentemente cien-

tífico. Trata-se do surgimento do Metropolitan Museum de Nova York e do Fine Arts Museum de Boston, que despontaram como grandes instituições museológicas, apoiadas em um acervo significativo, à semelhança das instituições européias já mencionadas. Assim, transformaram-se em importantes centros de estudos sobre a Antiguidade.

A análise da inserção da Arqueologia nessas instituições norte-americanas, revela grande semelhança com o modelo museológico já delineado, nesta mesma época, nos países da Europa.

Entretanto, os museus dos Estados Unidos foram criados mais de duzentos anos depois de seus congêneres europeus e, com isso, suas estruturas foram apoiadas em sólidas bases profissionais, além do marcante suporte financeiro que definiu o seu perfil privado.

Outro aspecto revelador da eficiência das citadas instituições, está relacionado às suas vinculações com universidades, o que as tornaram excelentes centros de pesquisa, mas com acentuada vocação educacional.

A partir da segunda metade do século XIX, esses museus norte-americanos assumiram um papel de relevância no cenário científico internacional. Apoiados em sólidas bases financeiras, puderam dinamizar as publicações, os encontros científicos, as exposições e, sobretudo, as viagens científicas por diversos continentes.

Assim, seus acervos cresceram rapidamente com coleções do próprio país, da África, da Austrália e de outras regiões do Continente Americano.

De acordo com Margareth Lopes (1993: 244) “...O movimento de museus definidos por Coleman e retomado por outros estudiosos de museus, com diferentes ênfases locais e marcos temporais, caracterizou-se pelo estabelecimento de ampla rede de intercâmbio, que pôs em contato de diferentes modos e em diferentes circunstâncias, os museus que foram se criando por todos os continentes... Barther, curador do Museu Britânico e diretor da Museums Association visitou em 1893, vários Museus que eram bastante ativos nas colônias inglesas. Entre eles visitou os Museus da Austrália e Nova Zelândia, o South African Museum, na Cidade do Cabo, o Museu Nacional da Tasmânia, em Hobart e o Museu de Hong Kong”.

Antes do final do século, diversos países das Américas Central e do Sul criaram seus museus de História Natural, incluindo quase sempre as coleções arqueológicas. Foi o caso do Uruguai,

Perú, Colômbia, Argentina, Costa Rica, Venezuela, Chile, Bolívia e Brasil.

A bibliografia especializada sobre a história dos museus ainda não dedicou muitos títulos à análise da inserção da arqueologia nestas instituições. Entretanto, é possível identificar que as primeiras coleções de antiguidades foram, mais tarde, contribuir para o crescimento e proliferação dos museus de Arte. Enquanto que as coleções arqueológicas relacionadas a períodos mais recuados foram integradas aos museus de História Natural ou aos Museus de Antropologia.

No entender de Pomian (1988) os museus de Arqueologia diferem uns dos outros pela localização, arquitetura, organização interna e conteúdo, mas, de uma maneira geral, é possível apontar que a história do colecionismo, da pesquisa e da instituição museológica legou para a contemporaneidade dois processos independentes. Estes processos museais oferecem, na verdade, diferentes visões sobre a história cultural. Em alguns casos são complementares, em outros antagonísticos, mas também demonstraram as distintas formas de produção de conhecimento que envolve a Arqueologia e, sobretudo, as diferentes possibilidades de apropriação do conhecimento arqueológico produzido em museus. O autor mencionado indica e justifica a existência dos **museus arqueológico-artísticos** e os **museus arqueológico-tecnológicos**.

Em sua reflexão, voltada, especialmente, para o momento da extroversão institucional (exposição), esta diferença não se configura apenas em aspectos museográficos (embora relevantes para esta análise), mas diz respeito a períodos distintos da História das sociedades, e de suas diferentes formas de relacionamento com o passado.

Os museus “arqueológico-artísticos” são aqueles que expõem obras de arte e objetos preciosos que se impõem pela sua grandiosidade e, portanto, são apresentados isoladamente sem as respectivas referências de contexto. Objetos estes, que desde sua origem foram criados como semióforos (estátuas, afrescos, relíquias etc.). Já os museus “arqueológico-tecnológicos” preservam objetos que, antes de se transformarem em vestígios, foram resíduos (restos) de atividades humanas e sua inserção no universo do colecionismo e posteriormente dos museus traz uma nova realidade à questão museológica, ou seja: o tratamento museográfico de objetos despossuídos *a priori* de atributos estéticos.

Se o museu artístico floresceu em função da preservação e divulgação dos então considerados grandes momentos civilizatórios, marcados, por exemplo, pelos processos culturais egípcios, gregos e romanos; os tecnológicos mostram um recuado passado pré-histórico, norteado por objetos com formas e funções consideradas obsoletas no presente... “Seuls ces derniers, en effet, abritent à la fois des artefacts et des corps: des squelettes et des crânes humains, des vestiges d’animaux et de plantes, des spécimens de sols, de cendres, de tourbes. Le musée archéologico-technologique – et c’est là un de ses caractères distinctifs – rejette ainsi la coupure entre la nature et la culture... À cet égard, il est plus proche d’un musée anthropologique ou ethnographique que d’un musée des beaux-arts, d’un côté, et, de l’autre, d’un musée d’histoire naturelle” (Pomian 1988: 59).

Portanto, os museus arqueológicos vinculados à preservação do passado pré-histórico identificados como tecnológicos, inauguraram um novo tipo de instituição, ou em certos casos impuseram a constituição de outros departamentos dentro dos já consagrados museus. Esta foi, portanto, uma divisão tipológica no âmbito da Arqueologia, que conduziu estes museus por diferentes e, às vezes, inconciliáveis caminhos. Estudar, preservar e comunicar coleções referentes à Antiguidade, obrigou as instituições e seus profissionais a procurarem parceria entre os historiadores, filósofos e filólogos; enquanto que as instituições que tratavam dos períodos paleolítico e neolítico (ou períodos paleoíndio, arcaico e formativo) buscaram conforto intelectual entre etnólogos, geólogos, geógrafos, biólogos (ou seja, naturalistas).

4 – O século XX e o multifacetado universo museológico

Este século começou encontrando os museus dispersos em todos os continentes, solidificados na idéia institucional de guarda e estudo de coleções ecléticas, provenientes, quase sempre, de distantes localidades. Instaladas em construções grandiosas e adaptadas (palácios, templos, castelos), consagradas como espaços do saber e do conhecimento, e apoiadas nas idéias do positivismo e do evolucionismo, estas instituições foram alcançadas pelos impactos sociais da industrialização e pelos movimentos nacionalistas dos países colonizados.

É possível afirmar que os processos museológicos, perceptíveis desde as primeiras décadas, têm caminhado no sentido de desconstruir as relações existentes, até então, no que diz respeito à coleta, estudo e guarda dos objetos patrimoniais. Esta desconstrução pretendida e ainda em marcha, tem sido responsável pela implementação de novos segmentos no processo acima indicado, ou seja: a configuração de discursos expositivos e o incentivo à ação educativa para o público infanto-juvenil.

Neste sentido, essas instituições deram início à construção de um novo perfil museal para o tratamento da herança patrimonial. Sem abandonarem as responsabilidades de estudo e produção de conhecimento, assumem – paulatinamente – as funções de canal de comunicação e agência educacional.

É evidente que essas novas funções têm sido assumidas às custas de um grande confronto com as tradições e mentalidades, consagradas neste fechado circuito dos museus. Assim, muitas instituições têm sido desmembradas, outras constituídas a partir de novos parâmetros e, mais ainda, certos processos têm início, levando os acervos porta afora dos museus e trazendo, para dentro, outras categorias de objetos até então não musealizados.

Esses movimentos, embora com tempos diferentes, têm ressonâncias em diversas partes do mundo e têm impulsionado a configuração de novas formas institucionais e metodologias alternativas para as antigas funções dos museus.

Neste sentido, cabe frisar alguns aspectos fundamentais da inserção da Arqueologia no contexto museológico das últimas décadas.

Seria impossível, neste texto, traçar um histórico minucioso de todos os museus que têm atuado no campo da Arqueologia, pois corresponderia à abordagem de características de um cenário de escala mundial.

Assim sendo, foi necessário privilegiar algumas facetas e desdobrá-las a partir da análise de experiências museológicas merecedoras de destaque.

Entretanto, é importante salientar que as mudanças que ocorreram até o início deste século conduziram os museus a alguns caminhos sem volta, ou seja:

- 1) estabelecer critérios de guarda e controle para o volume, às vezes inacreditável, de objetos que cresceu de forma irreversível dentro das instituições.

2) encontrar a maneira adequada para o diálogo com as distintas camadas da sociedade que, por sua vez, vêm impondo demandas diferentes às instituições.

3) delimitar o seu perfil de organismo preservacionista, científico e educativo, capaz de exercer uma específica função social.

Essas mudanças têm influenciado os museus em muitos sentidos, desde a arquitetura de suas instalações, até a configuração de um novo perfil de ação sócio-cultural, passando por problemas vinculados à busca de outros parâmetros patrimoniais que substituíssem as coleções.

É possível afirmar que durante este período os profissionais de museus procuraram, na verdade, **desconstruir** os alicerces até então consagrados, isto é: abandonar (mesmo que lentamente) o conceito de coleção, romper com as barreiras impostas pela consagrada arquitetura museológica e procurar dialogar com as distintas camadas da sociedade. Assim sendo, proliferaram os trabalhos extra-muros, as ações educativas, os projetos comunitários, as experimentações com objetos do cotidiano, entre outros. Da mesma forma e com muita ênfase, surgiram novos parceiros para as instituições museológicas e, portanto, novos problemas. Para os museus não tem sido um período tranquilo, mas sim uma sucessão de momentos de convulsão. Confrontar-se com escolas e com o ensino formal, submeter-se às regras e impactos da comunicação de massa e ser colocado em segundo plano em relação a centros culturais, memoriais e casas de cultura, tem imposto o desenho de um novo contorno para a inserção social do museu, de difícil assimilação para seus profissionais.

Entretanto, é possível afirmar que este sinuoso e conflitante caminho tem conduzido os museus ao encontro com a sociedade presente, a partir de dois elementos básicos que, ao mesmo tempo, são definidores deste novo perfil institucional. Trata-se, sem dúvida, do seu compromisso com a comunicação da herança patrimonial que tem sido preservada; como também, da necessidade da visão processual e multidisciplinar para a implementação de programas de trabalho.

Desta forma, foram selecionados alguns exemplos, que serão comentados a seguir, por serem paradigmáticos no que diz respeito ao tratamento e extroversão da Arqueologia.

Neste mesmo período, as instituições museológicas brasileiras vêm se afirmando, permeadas

pela nossa realidade sócio-cultural e patrimonial, e estimuladas por idéias e experiências do exterior. Entretanto, é possível afirmar que as instituições deste país, com raras exceções, ainda estão procurando o seu perfil entre os Museus de Arte e os Museus de História, ou mesmo entre as suas responsabilidades museológicas e sua dinâmica inspirada nos institutos de pesquisa (Bruno, 1995).

Assim, as mudanças que começaram a ser constatadas nas exposições correspondem ao desenvolvimento das pesquisas arqueológicas que se espalharam pelos diversos continentes, evidenciando os vestígios dos grupos humanos, física e culturalmente diferentes da sociedade fruidora deste processo de comunicação, que no início do século estava adentrando no auge da industrialização e consolidando-se em diferentes e impenetráveis camadas sociais. Ao mesmo tempo, os museus lançaram os seus sustentáculos na área educacional, passando a dar importância à vulgarização científica. Desta forma, inicialmente, as exposições foram consideradas como instrumentos de informação e educação e, gradativamente, as instituições foram organizando setores para atendimento especializado do público infanto-juvenil.

Jacknis (1985) analisa as discussões e as experimentações realizadas por Otis Mason e Franz Boas, no âmbito do American Museum of Natural History (Nova York - Estados Unidos). Enquanto o primeiro impôs apresentações evolucionistas e tipológicas, o segundo deu início à contextualização da vida em grupo. Boas, durante o período que esteve à frente do Departamento de Antropologia, daquela instituição, conseguiu apoio financeiro da iniciativa privada, garantindo a realização de grandes expedições científicas que terminavam sempre com montagens de exposições. Apesar da discordância sistemática da administração do museu, este antropólogo inovou consideravelmente os discursos expositivos. Chegou, inclusive, a instituir uma tipologia hierárquica em relação às exposições, apresentada a seguir:

– exposições para:

- entretenimento (mostras claras para serem apenas observadas e percebidas).
- instrução (objetos apoiados em informações escritas, quadros sinóticos, mapas, etc).
- pesquisa (mostras tipológicas para estudos).

Inovou, também, na apresentação museográfica, introduzindo cenários, manequins, desenhos,

fotos, entre outros elementos. Desta forma, adentrou por um caminho estimulante para as exposições, mas que ainda hoje encontra dificuldades para a delimitação de seu perfil, ou seja: a transferência da atenção do artefato para o contexto cultural, abriu o espaço museal para a introdução de tantas possibilidades de linguagens de apoio, que o objeto (unidade de uma coleção) foi ficando em segundo plano.

Esta **conquista** comunicacional marcou, de forma indelével, a história das exposições de Arqueologia. Aquelas que contaram com a parceria da Etnologia, em especial, foram lentamente estruturando um universo próprio de potencialidades de apresentação.

Retomando as idéias de Pomiam (1988: 66 e 67), deve ser salientado que os ...“objets d’étude et reliques, les artefacts préhistoriques ont acquis à ce double titre une valeur à la fois cognitive et sentimentale – et par conséquent aussi marchande. Autant dire qu’ils sont devenus dignes d’être recherchés, protégés, exposés et admirés. Cette tâche a été assignée à de nouveaux musées, archéologiques ou à d’anciens musées d’antiquités nationales réaménagés. Issus les uns et les autres d’une rencontre du patriotisme et de la science, ils ont élevé les vestiges de la culture matérielle à un rang comparable à celui de l’art”.

Portanto, as influências foram recíprocas entre os dois tipos de museus arqueológicos apontados pelo autor acima referido. Enquanto que os métodos de pesquisa aplicados para o estudo do período pré-histórico influenciaram os estudiosos da Arqueologia Clássica, impulsionando-os para um olhar mais atento sobre o cotidiano da Antiguidade; os especialistas dos períodos mais recuados do processo de hominização passaram a se preocupar com características estilísticas e tipológicas dos vestígios encontrados.

As exposições espelharam esses processos de mudança. Às vezes distinguindo alguns departamentos dentro de um universo museológico, como ainda é o caso do American Museum of Natural History de Nova York (Estados Unidos), do British Museum (Londres, Inglaterra), do Musée du Louvre (Paris, França) ou mesmo do Metropolitan Museum (Nova York, Estados Unidos). Outras vezes, esses olhares metodológicos diferenciados no âmbito da Arqueologia obrigaram a criação de outras instituições.

A relevância de Franz Boas, como símbolo de um processo, ainda deve ser apontada, no que tan-

ge à estruturação das “Salas de Arqueologia Comparada”. Estes locais expositivos – existentes ainda hoje – colocaram em confronto vestígios arqueológicos (e/ou etnográficos) de tempos e espaços distintos, como é o caso, por exemplo, do Musée des Antiquités Nationales em Saint Germain-en-Laye, França.

Se a contextualização do bem patrimonial arqueológico é o grande conceito que vem permeando os processos de extroversão museológica, não é possível negligenciar outro aspecto marcante que consolidou estas experimentações expositivas, ou seja: em geral elas foram preparadas a partir da realização de expedições científicas, organizadas pelas grandes instituições já consolidadas nesta época. Portanto, as rupturas e inovações neste árduo caminho em direção à divulgação científica, tem sua origem nas arcaicas mentalidades de espoliação e transferência patrimoniais, comuns à história dos museus.

Um olhar mais atento em relação à trajetória que transformou o Musée d’Ethnographie du Trocadéro em Musée de l’Homme (Paris, França) aponta, também, para mais uma questão paradigmática. Trata-se da difícil delimitação do papel político dos museus que tratam das sociedades.

Liderados pelo etnólogo Paul Rivet, um grupo de jovens profissionais,² durante a década de trinta, envolveu-se neste grande processo museológico que criou uma nova estrutura institucional para abrigar as coleções das colônias, nas quais misturavam-se os vestígios arqueológicos.

A partir das palavras de Jamin (1989: 113) é possível compreender as idéias e mentalidades estruturadoras do Musée de l’Homme. “Rivet, cheville ouvrière de la formation institutionnelle de l’ethnologie en tant que secrétaire général de l’Institut d’Ethnologie, titulaire de la chaire d’anthropologie du muséum (chaire qu’il avait rebaptisée en 1929 “Ethnologie des hommes actuels et des hommes fossiles”), directeur du musée d’Ethnographie du Trocadéro, devint député Socialiste, conseiller municipal de Paris puis conseiller général de la Seine. Em 1927, Rivet

(2) É importante salientar que desta equipe constavam, entre outros, os nomes de Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Alfred Métraux, André Leroi-Gourhan, personagens decisivas para as áreas de Arqueologia e Etnologia, como também os nomes de Georges Henri Rivière e Yvonne Oddon, fundamentais para a área museológica.

appartient à la Ligue contre l'oppression coloniale et l'imperialisme, créé à Bruxelles la même année et placée sous la présidence d'Albert Einstein. En 1934, après les manifestations sanglantes du 6 février organisées par l'extrême-droite, il fonde avec le philosophe Alain et le physicien Paul Langevin le Comité de vigilance des intellectuels antifascistes. Enfin, en septembre 1940, il fait partie d'un des tout premiers réseaux de résistance connu depuis sous le nom Réseau du Musée de l'Homme, aux côtés de Boris Vildé, Anatole Lewitzky et Yvonne Oddon ... Lors de ses voyages en Europe du nord et en Union soviétique au tout début des années trente, Georges Henri Rivière exprimera dans sa correspondance avec Rivet sa "fierté" de travailler à ses côtés comme sous-directeur du musée d'Ethnographie du Trocadéro, "au service d'une science qui se mêle si intimement à ses préoccupations sociales", ajoutant même (on est en 1932) que s'impose à ses yeux la nécessité d'une marche de notre société vers le communisme. L'engagement scientifique se doublait d'un engagement idéologique. Bien plus sans doute, le premier ne prenait sens et fonction, du fait de son objet – la culture, la société – qu'à la condition du second. Selon une formule bien établie et souvent mal comprise, la science ne pouvait être sans conscience, ce qui était une manière de rompre avec le positivisme du XIX^e siècle".

Esta longa citação apresenta de uma forma geral inúmeros aspectos reveladores sobre os museus desta época e, particularmente, indica certas questões que, depois, estiveram na base do drama vivenciado por aquela instituição.

Em primeiro lugar, a convivência entre processos políticos e procedimentos científicos passou a nortear a vida dos museus e, em outras décadas, foi responsável pela estruturação de outros modelos museológicos preservacionistas. Em seguida, as palavras do autor mostram a importância determinante de certas personalidades à frente dos processos museais. Estes conseguiram moldá-los por meio de seus princípios ideológicos. Cabe também frisar que a experiência vivenciada por esta equipe, sobretudo em função das tragédias advindas da ocupação de Paris pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, legou outra herança para os profissionais de museus, isto é: o reconhecimento da vulnerabilidade das intenções, projetos e processos museológicos frente a problemas externos.

Neste caminhar e durante o curto período em que foi possível atuar, Paul Rivet e sua equipe³ protagonizaram uma revolução na ordem museológica vinculada às ciências humanas. Aproximaram-se diretamente das colônias francesas, com o objetivo de organizar expedições e exposições; constituíram no âmbito do museu diversas associações científicas ligadas à África, América e Ásia, com o objetivo de reunir os interessados pelo estudos e destinos dos povos destes continentes e, mais ainda, inovaram nas estratégias museográficas.

Com o surgimento do Musée de l'Homme, as pesquisas em ciências humanas e por consequência as sociedades que eram alvo destes estudos ganharam ao mesmo tempo uma "tribuna" e uma "vitrine". "Dès cette réorganisation, et sans que ceci ait été une simple cause de style, le Musée d'ethnographie se situe à gauche et ait comme un dispositif culturel, voire idéologique, dont un des objectifs est de fonder en droit et en raison un nouvel humanisme au moyen duquel des combats seront menés contre le racisme, le fascisme et, dans une certaine mesure, contre l'imperialisme" (Pieiller 1987: 13 e 14).

Apesar desse esforço, a perseguição aos movimentos da Resistência Francesa e as próprias pressões políticas em função da guerra, foram responsáveis, a princípio, pela implosão da equipe que teve que se dispersar e, em seguida, pela prisão e morte de diversos pesquisadores deste museu. Este esforço foi pulverizado e é possível constatar a sua influência em diversos sentidos. A importante contribuição metodológica de André Leroi-Gourhan, por meio da arqueologia-etnográfica; os singulares ensinamentos de Claude Lévi-Strauss que correram o mundo; as revoluções museológicas deflagradas por Georges Henri-Rivière que conduziram os museus aos ecomuseus e a participação de Yvonne Oddon na constituição do Centre de Documentation de l'ICOM/UNESCO, correspondem a algumas marcas muito precisas da influência deste processo.

(3) As informações e análises apresentadas correspondem à pesquisa por mim realizada, em 1991, no Centre de Documentation do Musée de l'Homme de Paris (França), no Fundo Paul Rivet (correspondência). Nesta ocasião tive acesso à correspondência trocada entre este etnólogo e os pesquisadores já mencionados, como também foi possível conhecer vários projetos museológicos que embasaram o surgimento deste novo museu.

Entretanto, o Musée de l'Homme que sobreviveu a este trágico momento se transformou em uma caricatura dessas idéias. Somente na década de noventa teve início um novo processo de mudança, procurando dar contemporaneidade a um museu que, com suas raízes científicas e ideológicas arrancadas violentamente, ficou relegado para um segundo plano.

Em um documento de trabalho intitulado "Renovation du Musée de l'Homme", de 1993, o arqueólogo Denis Vialou ("responsable de la Cellule de Rénovation") encaminhou as propostas de mudança, introduzindo-as com as seguintes palavras...

"Le cenário scientifique élaboré, sous la responsabilité de la Cellule de Rénovation, par la communauté scientifique du Musée de l'Homme avec le concours de collègues extérieurs spécialistes de mêmes domaines de recherches, a la force d'une proposition nouvelle: présenter aux visiteurs les hommes, leurs cultures, leurs relations présentes, dans une perspective de compréhension, en mettant en valeur les collections dans leurs contextes propres. Cela explique le terme enfin mis à la présentation exclusivement géopolitique, de type colonial, qui traduisait une vision statique, exotique, passéiste et, en outre, européo-centrique. Cela justifie la diversité des points de vue que seront donnés au fil des quatre actes pour montrer la continuité génétique et la diversité biologique et culturelle de l'espèce humaine au travers de sa longue Préhistoire et dans ses populations actuelles"

Este texto evidencia outro aspecto comum aos museus, ou seja: são instituições que não preservam a própria memória, pois as intenções contidas na citação acima correspondem às idéias do grupo que gerou o conceito de Museu do Homem.

Se Franz Boas,⁴ dentro dos interesses deste trabalho, pode ser indicado como um símbolo das exposições arqueológicas contextualizadas, Paul Rivet e Georges Henri Rivière devem ser lembrados como propagadores de novos processos insti-

tucionais que contribuíram para a organização de museus regionais e comunitários, ou mesmo para a estruturação de museus nacionais em outros continentes.

Apesar de todos os esforços de inovação e mesmo de ruptura em relação às antigas mentalidades, ainda é possível identificar certas idéias remanescentes do processo de colonização, que tanto influenciaram a prática da Arqueologia e seus museus. Se neste texto foram enfocadas experiências dos Estados Unidos e da França, é possível afirmar que pesquisadores de outros países, economicamente estabelecidos na primeira metade deste século, também estavam correndo o mundo, por meio de expedições científicas, com o objetivo de compreender as rotas e os processos da humanidade.

Assim, não só os museus do Hemisfério Norte continuaram crescendo, como também houve um claro incentivo à organização de instituições congêneres na América Latina, África e Ásia.

Neste contexto destacam-se diversos museus dos países da América Central e do Sul, voltados para os bens arqueológicos pré-colombianos. O complexo museológico, criado em 1966, no México, simboliza esta afirmação. Neste país o Museu Nacional de Antropologia foi transformado em um espelho museográfico para que a população pudesse ser reconhecida e se reconhecer entre os vestígios de um passado monumental. Esta experiência é repetida – com menos ênfase – na Colômbia, Equador e Costa Rica, entre outros países.

Assim, é possível identificar que a Arqueologia tem servido, enquanto instrumental científico, para a construção de identidades, por meio dos recursos museológicos.

As identidades locais, regionais e nacionais têm se valido e muito, dos museus arqueológicos. As últimas décadas assistiram à proliferação destas instituições em espaços construídos ou a partir da reconstituição de sítios arqueológicos.

Também neste tipo de musealização é possível reconhecer uma multiplicidade de formas, mas sempre em íntima relação com o local do desenvolvimento das pesquisas.

Neste quadro destaca-se o Musée de Préhistoire d'Ile-de France (Nemours, França), inaugurado em 1981, a partir de um projeto que contemplou, em conjunto, a elaboração do espaço arquitetônico e da proposta museológica. De acordo com seu catálogo de apresentação (s/d) ... "le musée

(4) É importante salientar que entre as correspondências reunidas no Fundo Paul Rivet (no Centro de Documentação já mencionado) existe um número relevante de cartas que foram trocadas entre Boas e Rivet durante décadas.

presente le panorama de la Préhistoire et de la Protohistoire de la région Ile-de-France – la plus longue période de notre evolution, depuis les premières traces de l’installation humaine vers – 40.000 – jusqu’à l’entrée dans l’Histoire véritable, avec la conquête systématique de la Gaule par Jules César, au 1er siècle avant J.C.”.

Merece destaque, também, o Museu Monográfico de Conímbriga (Portugal), concebido em 1962 a partir das pesquisas e valorização de uma antiga e monumental cidade romana que foi ocupada entre a 1ª Idade do Ferro e os finais do século VI d.C. Instalado em edifício construído especialmente para fins museológicos, este espaço congrega áreas expositivas e laboratórios técnicos para os estudos arqueológicos.

Outro exemplo, com este perfil, encontra-se no Chile, apoiado na importância da região arqueológica de San Pedro de Atacama. O Museo Arqueológico R.P. Gustavo Le Paige S.J., da Universidade del Norte, impulsionou a criação do Instituto de Investigaciones Arqueológicas e, desta forma, consolidou o seu futuro científico. Esta instituição tem revelado os vestígios dos homens que, para sobreviver, tiveram que conquistar um dos desertos mais inhóspitos do planeta. Estes vestígios, ultrapassam o número de 380.000 objetos. “Cada uno de ellos (excepto los cráneos), es una obra que fue hecha por manos atacameñas en un pasado remoto y en la que se ha manifestado la habilidad, el ingenio, el arte, el desarrollo tecnológico y cultural de este pueblo en sus diferentes momentos. Toda esta riqueza arqueológica constituye el Legado de los Atacameños”.⁵

Enquanto, em algumas regiões do mundo, os vestígios do passado que sobreviveram às investidas coloniais, às guerras e outras formas de espoliação entre os homens, têm sido reunidos e rearticulados em discursos expositivos nacionalistas; em outros locais, a relevância de áreas arqueológicas impõe a implantação de instituições museológicas. Em todos estes exemplos, transparece uma grande cumplicidade entre a apresentação dos bens patrimoniais que foram constituídos pelas sociedades extintas e a divulgação dos métodos e técnicas que são utilizados na pesquisa. Assim, os museus de Arqueologia representam

uma exceção, ao musealizarem simultaneamente os processos de trabalho e o objeto de estudo.

A Arqueologia, também, tem sido um elemento básico na organização dos museus de cidade, por colaborar na explicitação das diferentes formas de apropriação e transformação de um território no passado. Os museus das cidades de Londres, Paris, Lisboa e Amsterdam, por exemplo, são introduzidos por setores expositivos que apresentam vestígios arqueológicos.

Desta forma, fica evidente que a Arqueologia está inserida em museus de reconhecida personalidade histórica.

Além dos grandes museus enciclopédicos de História Natural, Artes ou Antropologia, dos núcleos museológicos regionais, dos museus de sítio e de cidade, entre outros, a Arqueologia Industrial tem legado um novo panorama ao então tradicional universo patrimonial arqueológico.

Durante muito tempo esta área de conhecimento ficou restrita à evidência dos vestígios das sociedades extintas e, em geral, distantes no tempo e no espaço. Assim, os recortes patrimoniais provenientes deste universo sempre foram identificados com as “coisas do passado”. Entretanto, as últimas décadas têm acompanhado a contribuição da Arqueologia, no que diz respeito à evidência dos vestígios de períodos mais próximos. Não é raro encontrar a musealização de estruturas construídas, vinculadas aos processos de industrialização. Comendo, desta forma, um novo quadro de referências patrimoniais.

É possível afirmar que a pesquisa arqueológica esteve envolvida, direta ou indiretamente, nos distintos processos museológicos que surgiram ao longo deste século, acompanhando as sucessivas rupturas que foram necessárias para reaproximar a sociedade de seu próprio patrimônio.

Cabe enfatizar, ainda, o surgimento do Musée Canadien des Civilisations, em Quebec. Esta instituição tem sua origem no início do século, tendo passado por inúmeras transformações até a implementação do novo programa que a transformou em “un musée pour le village global”, no final da década de oitenta. Apoiado em um edifício, que além da correta e grandiosa arquitetura, foi concebido a partir de diversos estímulos simbólicos vinculados à cultura nacional, como também a escolha do local de sua construção foi planejada no sentido de inserir este edifício em uma área nobre e já consagrada pela população. O projeto arquitetônico

(5) Trecho extraído do catálogo de apresentação do museu (1984).

acompanhou o planejamento museológico e ambos são dotados do que existe de mais moderno e tecnológico nesta área. A concepção que guiou a preparação das novas exposições ... “a été de mettre au jour ces identités, de permettre aux visiteurs d’explorer celles-ci et les liens qui les unissent à d’autres et, ce faisant, de saisir la condition humaine actuelle. Le musée national d’histoire humaine de notre pays constitue une vitrine des hauts faits culturels d’un peuple qui peut être fier de lui: les communications entre personnes de différents langues; l’ingéniosité et l’économie dont les immigrants ont su faire preuve en s’adaptant à leur nouveau milieu; la richesse des styles architecturaux, artisanaux et artistiques; la fascination qu’exercent toujours les mythologies ainsi que les croyances religieuses et cosmologiques; la transplantation réussie de traditions du pays d’origine dans un nouveau monde” (Mac Donald & Alsford 1989: 76).

Desta forma, os vestígios arqueológicos passaram a fazer parte da contextualização de um conceito de nacionalidade diferente, por exemplo, daquele esboçado museograficamente no Museu Nacional de Antropologia do México. Apesar de os dois países terem passado por processos de colonização e de imigração, hoje, fazem uma leitura diferenciada sobre a inserção dos indicadores da memória das sociedades nativas, em relação à complexidade cultural característica das nações do Novo Mundo. E, nos dois casos, o museu é um instrumento poderoso para a preservação e divulgação dessas idéias.

Na contemporaneidade, a convivência das sociedades com a pesquisa arqueológica tem alcançado outros patamares. O desenvolvimento da Arqueologia Experimental tem propiciado a reconstituição de monumentos, de habitações, de tecnologias, de aspectos da vida cotidiana, entre tantas outras possibilidades. Estas conquistas, no que diz respeito ao conhecimento e interpretação das atitudes humanas do passado, têm servido para a aproximação à sociedade atual. Se no início do século a parceria com a Etnologia garantiu um avanço considerável para os museus, em função das possibilidades comparativas entre os vestígios arqueológicos e os artefatos etnográficos; nos tempos atuais o desenvolvimento das experimentações arqueológicas tem propiciado a organização de parques para experimentações, reconstituições de cidades, etc. Dentro deste contexto exis-

tem inúmeros exemplos, sobretudo na Europa. Entretanto, destaca-se o Jorvik Viking Center de York (Inglaterra), que apresenta aspectos da vida dos vikings no século décimo, que podem ser apreciados (ou “vivenciados”) por meio de um passeio em um pequeno carro. Instituições com este perfil, que são assemelhadas aos museus ao ar livre, proliferaram consideravelmente nas últimas décadas, pois trazem um grande aporte financeiro para suas regiões, em função do incentivo ao turismo cultural. Diversos países exploram comercialmente a pesquisa arqueológica por meio da organização desses centros, que têm exercido, sem dúvida, uma grande influência nos museus tradicionais. De acordo com Raetz (1989: 172 e 173) “o novo conceito de museu é muito diferente, e será muito mais eficaz para a instrução pública, como mencionei em relação à Velha Aldeia de Sturbridge ou do Centro Viking de York. Este foi criado por uma nova geração de museólogos, “engenheiros do lazer” ou, como eles mesmos se chamam, “imaginadores”.

Outro exemplo merecedor de destaque é o Archéodrome de Beaune, na Borgonha (França). Trata-se de um grande parque com áreas abertas destinadas, por exemplo, à experimentação de tecnologia lítica, ao cozimento da cerâmica, à reconstituição de habitação. O público tem acesso a todos os setores, organiza seus próprios roteiros e, às vezes, tem a possibilidade de participar das experimentações. Entretanto, uma avaliação ocorrida em 1988, apontou para a necessidade de introduzir a visita ao parque com uma exposição (seguindo modelo tradicional), sobre métodos e técnicas arqueológicas, para que o público tivesse a possibilidade de compreender as diversas operações científicas, que estão vinculadas aos “momentos” que podem ser apreciados durante a visita ao parque. Existe, ainda, uma grande controvérsia sobre a eficácia dessas instituições no que diz respeito à preservação dos indicadores da memória, mas, sem dúvida, elas representam um grande esforço de aproximação entre a Arqueologia e as sociedades que as mantêm. Roy (1993)⁶ salienta que ...“Sans en nier les nécessités (“tourisme cultural”), ces

(6) Trecho extraído da conferência “Origines et devenir des musées d’aujourd’hui”, apresentada no âmbito do Simpósio Internacional “O Processo de Comunicação nos Museus de Arqueologia e Etnologia”, realizado no MAE/USP em 1993.

réalizations de type “parc de loisirs” sont menacées par les dérives de simplifications abusives et les surenchires en matière de musée-spectacle. Les “produits culturels” fabriqués par les agences d’ingénierie culturelle ne doivent pas être confondus avec les musées qui sont avant tout des services publics à préoccupation pédagogique et culturelle. Parcs de loisirs et d’attractions doivent demeurer distincts des musées”.

Após este breve caminhar pelas experiências mais relevantes que durante este século contribuíram para a abertura dos grandes, monolíticos e enciclopédicos museus, passando pela regionalização dos fenômenos museais e pela parceria com outros sistemas já estabelecidos como é o caso da escola e do turismo, chega-se à constatação de que a extroversão do processo arqueológico é extremamente complexa e que não há um modelo que dê conta deste multifacetado cenário.

Entretanto, é importante salientar mais uma experiência atual, que se não cobre todas as facetas da preservação e da divulgação arqueológica, equilibra muito bem as variáveis contidas nos processos que buscam identificar e gerenciar os indicadores da memória.

A partir das palavras de Claudio Torres, arqueólogo e coordenador científico dos projetos realizados em Mértola (Portugal), é possível entender a problemática cultural que vem sendo desvelada por meio da Arqueologia:⁷

“Chegar pelo rio

O primeiro olhar foi certamente do rio onde se levanta imponente o promontório rochoso, refúgio das primeiras comunidades de pescadores, cuja memória há muito se perdeu.

Como outras cidades-porto mediterrânicas, Mértola ocupa um sítio excepcional muito cedo demandado por mercadores e aventureiros que aqui vinham trocar os brocados e especiarias do Oriente por lingotes de ouro e prata.

Uma poderosa muralha cerca ainda o casco antigo que trepa em cascata até à anti-

ga alcáçova onde se erguem as ruínas do castelo. Durante muitos séculos foi considerada a mais poderosa fortaleza do Ocidente Ibérico.”

O “Campo Arqueológico de Mértola”, ou a “Vila-Museu”, localiza-se à margem do Rio Guadiana, que em um passado remoto foi uma importante via comercial, fazendo de Mértola um destacado centro para o desenvolvimento da Península Ibérica.

Entretanto, segundo palavras do Presidente da Câmara, esta terra, ... “com outras de raia interior, conta-se hoje entre as mais pobres do país, com uma população envelhecida, sem alternativas econômicas capazes de fixar os mais jovens, atraídos cada vez mais pelos grandes centros urbanos do litoral. O desenvolvimento industrial não será certamente o nosso futuro, por falta de estruturas mínimas, de vias de escoamento e de mão de obra especializada. Por isso, desde o início, a Câmara Municipal de Mértola optou por um significativo investimento cultural, apoiando a investigação arqueológica e histórica regionais o que, pouco a pouco, tem vindo a dar os seus frutos. Hoje, Mértola, além de ser um prestigiado polo de investigação científica, transformou-se num atrativo cultural e turístico capaz de gerar riqueza e bem estar para seus habitantes”.⁸

Esta opção pela cultura como meio para o estabelecimento de estratégias para o desenvolvimento de uma população, faz deste campo arqueológico um projeto científico voltado para a valorização de uma comunidade a partir do estudo de elementos fundamentais de sua trajetória.

Até o final do século passado Mértola ainda desempenhava um relevante papel, pois o porto fluvial mantinha um movimento significativo devido ao escoamento da produção da Mina de São Domingos, mas, sem dúvida, as pesquisas Arqueológica e Histórica têm revelado um acúmulo de experiências humanas nesta região, de inigualável importância no contexto português.

Durante cinco séculos Mértola foi um grande centro de escoamento mineiro e agrícola do Baixo Alentejo, fazendo com que mercadores do Império Romano se estabelecessem no local. O período islâmico deu continuidade ao fluxo comercial,

(7) As análises aqui apresentadas são resultado de um estágio de estudo realizado no Campo Arqueológico de Mértola em 1993.

(8) Trecho extraído de “Mértola-Vila Museu”, catálogo editado em 1990.

transformando esta vila em capital do território. Depois da conquista cristã de 1238, por cavaleiros da Ordem de Santiago, as rotas comerciais se desviaram cada vez mais do Rio Guadiana para os estuários dos Rios Sado e Tejo.

Conforme afirma Claudio Torres, “Mértola era, no 25 de Abril – já encerradas as Minas de São Domingos – um povoado adormecido, em que já morrera a última carreira fluvial, sua única e primeira razão de ser”.

Esta Vila-Museu se traduz, para os próprios habitantes atuais e visitantes, a partir de diversas zonas de escavações associadas a núcleos museológicos (exposições), como o Núcleo Visigótico – localizado no Castelo e voltado para aspectos da arquitetura; o Núcleo Islâmico que reúne significativa coleção de arte islâmica, especialmente o conjunto cerâmico; o Núcleo de Arte Sacra com objetos litúrgicos coletados em igrejas que foram abandonadas; o Núcleo Romano – evidenciado no momento da reconstrução da Câmara, espaço este que originalmente abrigou um conjunto de casas.

Ao lado desses Núcleos Museológicos que apresentam mostras didáticas com explicações sobre os respectivos períodos de ocupação, foi recentemente instalado o Núcleo Paleo-Cristão ligado às ruínas de uma basílica, localizadas sob a construção de uma escola pública erguida em 1920.

O centro histórico constituído por ruelas, casa brancas e circunscrito às ruínas das muralhas, a atual Igreja Matriz instalada em uma antiga mesquita, a Casa do Ferreiro com todos os instrumentos de trabalho, o Convento de São Francisco – fronteiro à Vila que tem sido dinamizado através de exposições de artes plásticas e espetáculos de dança e música, são outros pontos referenciais desta Vila-Museu.

Embora Mértola já tenha sido alvo de pesquisas em outras épocas, foi no final da década de setenta que tiveram início as atividades sistemáticas do Campo Arqueológico. Este, por sua vez, priorizou a musealização imediata do conhecimento produzido a cada momento das investigações, com o principal objetivo de recuperar a identidade de uma população que foi “fossilizada” por um processo de desenvolvimento que transferiu sua atenção para outras regiões do país.

As escavações ininterruptas por todos os lados da Vila evidenciam uma estratigrafia que comprova as sucessivas ocupações desta região em função do Rio Guadiana, que há muito tempo deixou

de ser um referencial para a atual população. Os conhecimentos construídos com o apoio das pesquisas em História e Arqueologia, ao mesmo tempo em que estão colaborando para que os merto-lenses contemporâneos se reencontrem com a Vila de Mértola, estão propiciando também um novo olhar para esse rio e todo seu entorno ecológico.

Para tanto, a equipe do Campo Arqueológico deu início a um movimento social procurando despertar a comunidade para a preservação do Rio Guadiana. Deste movimento nasceu a Associação de Defesa do Patrimônio de Mértola que, apoiada em sistemática pesquisa, está propondo a constituição do Ecomuseu do Rio Guadiana. Conscientes que os bosques mediterrânicos que povoaram esta região estão muito comprometidos em função das queimadas da pastorícia e da fundição do ferro, esses profissionais concordam que os poucos ecossistemas que guardam resquícios das comunidades biológicas primitivas, mostram como hoje ainda é assegurado um equilíbrio dinâmico. Entretanto, “a urgente necessidade de salvaguardar tais valores passa por esforço de conservação integrada, a partir de uma cautelosa intervenção no meio, que não destrua irremediavelmente um equilíbrio dificilmente recuperável”.⁹

Se no caso de outros processos museológicos o poder oficial ainda desempenha papel relevante, como o grande mantenedor das coleções patrimoniais e financiador dos projetos arqueológicos, em Mértola a ação preservacionista está seguindo outro curso.

A partir de projetos de pesquisa científica, financiados pelos mais diferentes órgãos externos a Mértola, é criada uma estratégia de recuperação dos espaços e devolução à população. Neste sentido e em função da relevância dos estudos realizados pela equipe do Campo Arqueológico, são flagrantes a independência de orientação e a estabilidade dos trabalhos em relação ao poder oficial.

É possível constatar que a ação do Campo Arqueológico extrapolou os limites portugueses, pois em função da relevância das pesquisas, da eficiência dos núcleos museológicos, da organização de congressos e publicações internacionais, Mértola está se transformando em um marco, reconhecido pela comunidade científica de outros importantes centros.

(9) Ecomuseu do Rio Guadiana – proposta da Associação de Defesa do Patrimônio de Mértola, 1991.

A princípio, esta região foi vista pelos arqueólogos como um território com potencialidades arqueológicas viáveis para a evidência dos vestígios mouros e, em consequência, as pesquisas poderiam propiciar novos olhares em relação a uma faceta abandonada da identidade portuguesa. O desenvolvimento dos trabalhos, além de atingir esses objetivos, deparou com uma realidade social miserável que estava sobreposta aos vestígios. Entretanto, a orientação científica das pesquisas e dos processos de musealização teve, não só a preocupação de “desfossilizar” a comunidade, mas também de estabelecer e implementar novas possibilidades de sobrevivência.

Sem abandonar o rigor científico, sem precisar travestir a pesquisa arqueológica em parque de diversões, sem praticar o entesouramento inconsequente e sem negligenciar a potencialidade dos processos de musealização, o Campo Arqueológico de Mértola traduz o perfil contemporâneo da importância dos estudos, da preservação e da comunicação museológica dos bens patrimoniais arqueológicos.

Cabe mencionar que em tempos passados a ruptura em alguns processos museais deu-se em função da orientação ideológica de alguns personagens desta trajetória, como foi o caso, por exemplo, de Boas, Rivet e Rivière. Da mesma forma, o nome de Claudio Torres deve ser lembrado como responsável pelo perfil da ação deflagrada em Mértola.

Antes de detalhar as questões brasileiras, neste panorama histórico referente aos museus de Arqueologia, deve ser sublinhado que estas instituições têm singular importância num quadro geral da evolução e desenvolvimento dos museus. Além de terem sido permeadas pelas idéias de “conquista”, de “abandono” e de “mudanças”, legaram experiências que contribuíram para o aperfeiçoamento dos processos museais.

Nos planos do tratamento e interpretação, da herança patrimonial, estas instituições estão consolidadas nas seguintes características:

a) musealização das áreas de pesquisa, in loco, por meio da constituição de museus de sítio, da reconstituição de vestígios construídos e do salvamento arqueológico de áreas vulneráveis aos processos de desenvolvimento.

b) organização de Depósitos de Pesquisa, ou seja: “un endroit où sont mis à l’abri des objets découverts dans une ou plusieurs fouilles afin d’être classés, inventoriés et étudiés en attendant d’être déposés dans les salles d’exposition ou les réserves d’un musée” (Négre 1992: 7). Estas estruturas de apoio, tanto da pesquisa, quanto dos museus, têm-se espalhado por diversos países.

c) apresentação de discursos expositivos embasados na contextualização dos objetos arqueológicos, no tempo e no espaço.

d) vinculação aos princípios da Educação Patrimonial,¹⁰ para a sensibilização e apropriação dos bens arqueológicos em relação ao grande público, a partir dos museus ou dos monumentos.

A inserção da Arqueologia nos museus brasileiros enfrenta dificuldades semelhantes a alguns problemas apresentados neste texto. É possível apontar instituições que ainda hoje estão amparadas nos conceitos de entesouramento, acúmulo desmedido de objetos (muitas vezes abandonados nas reservas ou laboratórios) e apresentação museográfica destituída de contextualização. Da mesma forma, outras instituições estão vivendo sua organização, repensando as exposições e assumindo o patrimônio arqueológico extra-muros. Inclusive, estas questões vêm sendo tratadas em eventos científicos e trabalhos acadêmicos.

Finalmente, é possível afirmar que a Arqueologia chegou a este final de século fortalecida nos museus e pelos museus. E os museus de Arqueologia são também identificados como museus de identidades, museus de sociedades e museus de civilizações.

(10) Conceito orientador de metodologias de trabalho a partir da realidade patrimonial, que se originou na Inglaterra, com a “Heritage Education” na década de oitenta.

BRUNO, M.C.O. Archaeology Museums: a history of conquerors, abandonment and changes. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 000-000, 1996.

ABSTRACT: This article presents relevant aspects of the archaeology museum's historicity. It examines the concepts that have been directing its development and identifies the characteristics inherited by the contemporary musealization processes from the previous museological experiences.

UNITERMS: Museum – Archaeology – Collection – Museology.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, E.P.
1979 *Museums in Motion - An Introduction to the History and Functions of Museums*. American Association for State and Local History, Nashville.
- BAZIN, G.
1967 *Le Temps des Musées*. Bruxelles, Desoer.
- BENOIST, L.
1971 *Musées et Muséologie*. Paris, Press Universitaire de France.
- BORNHEIM, G.
1975 Introdução à Leitura de Winckelmann. *Reflexões sobre Arte Antiga*. Porto Alegre, Co-Edições URGS e Editora Movimento: 7-35.
- BRUNO, M.C.O.
1995 *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema*. Tese de doutoramento, FFLCH/USP, São Paulo.
- COLLET, I.
1987 Le Monde Rural aux Expositions Universelles de 1900-1939. *Museologie et Ethnologie*. Paris, Editions de la Réunion des Musées Nationaux: 100-139.
- GUARNIERI, W.R.C.
1989 Museu, Museologia, Museólogos e Formação. *Revista de Museologia*, 1(1). Instituto de Museologia de São Paulo / FESP, São Paulo: 7-11.
- HERREMAN, Y.
1985 De Gabinetes a Museos. *Quiju*, 2 (3). México, set/dez: 444-448.
- HINSLEY, C.M.
1985 From Shell - Heap to Stelae: Early Anthropology at the Peabody Museum. George W. Stocking Jr. (Ed.) *Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture*. History of Anthropology, vol. 3. Wisconsin, The University of Wisconsin Press: 49-74.
- HUDSON, K.
1975 *A Social History of Museums*. London, Macmillan.
- JACKNIS, I.
1985 Franz Boas and Exhibits – on the limitations of Museum Method of Anthropology. George W. Stocking Jr. (Ed.) *Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture*. History of Anthropology, vol. 3. Wisconsin, The University of Wisconsin Press: 75-111.
- JAMIN, J.
1989 Le Musée d'ethnographie en 1930: l'ethnologie comme science et comme politique. *La Muséologie selon Georges Henri Rivière*. Bordas, Dunod: 110-121.
- LEÓN, A.
1984 *El Museo: teoría praxis e utopia*. Madrid, Ediciones Cátedra. S.A.
- LOPES, M.M.
1993 *As Ciências Naturais e os Museus no Brasil no Século XIX*. Tese de doutoramento, FFLCH/USP, São Paulo.
- MACDONALD, G.F.; ALSFORD, S.
1989 *Un Musée pour le Village Global*. Québec, Musée Canadien des Civilisations.
- MOREIRA, I.M.M.
1989 *Museus e Monumentos em Portugal – 1772 - 1974*. Coleção Temas de Cultura Portuguesa, nº 14. Lisboa, Universidade Aberta.
- NÉGRI, V.
1992 Les aléas juridiques des dépôts de fouilles. *Musées et Collections Publiques en France* nº 195. Paris, Association Générale des Conservateurs de Collections Publiques de France: 7-8.
- PENNDORF, J.
1987 *De la Cámara del Tesoro al Museo*. Habana, Editorial Gente Nueva.
- PIEILLER, E.
1987 Il y a cinquante ans un musée des droits de l'homme?. *Quinzaine Littéraire*, 491, Paris: 13-14.
- POMIAN, K.
1984 Coleção. *Enciclopédia Einaudi/Memória-História*, 1. Imp. Nac. Casa da Moeda, Porto: 51-86.
1988 Musée Archéologique: art, nature, histoire. *Le Débat*, Paris, Éditions Gallimard, nº 49: 57-68.
- RAHTZ, P.
1989 *Convite à Arqueologia*. Rio de Janeiro, Imago Editora. Série Diversos.

BRUNO, M.C.O. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 293-313, 1996.

SCHREINNER, K.

1985 *Fundamental of Museology*. Livro 6, GDR.

SHAER, R.

1993 *L'Invention des Musées*. Evreux, Gallimard/
Reunion de Musées Nationaux.

WESCHER, P.

1988 *I Furti d'Arte - Napoleone e la Nascita del Louvre*. Torino, Giulio Einaudi Editore.

Recebido para publicação em 13 de agosto de 1996.